

CAVERNAS E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUMAS ROMARIAS EM CAVERNAS NO SERTÃO DA BAHIA

Elvis Pereira BARBOSA - elvisb@uesc.br

Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Doutorando em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela UFRRJ; Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia – NEPAB-DFCH/UESC.

Abstract

This article, to analyze preliminary data about the process of Christian festivals in two caves into the Bahia State, Brazil. The approach deals with how the pilgrims see the faith, the symbolism of myths and rituals in each one of the caves and the impact of these festivals in rural communities of his surroundings.

Key-words: Imaginary's anthropology; Christian Pilgrimages; Speleology.

Palavras-Chave: Antropologia do Imaginário; Romarias Cristãs; Espeleologia.

Introdução

Este artigo faz parte das considerações iniciais a respeito de um fenômeno típico do interior do Brasil, as romarias religiosas e neste caso em especial, aquelas que envolvem as cavernas.

Normalmente observado de maneira mais representativa nos locais onde a religiosidade assume características peculiares que envolvem o fascínio pelo fantástico e em alguns casos contrapõe-se ao poder político legalmente constituído, o assunto era pouco explorado pelos espeleólogos ou mesmo pela Antropologia, mas vem ganhando novos contornos, novas abordagens e despertando entre os pesquisadores um maior interesse, principalmente por mostrar que existem outras dimensões a serem analisadas além da descrição técnica dos espeleotemas, do espaço geológico ou da topografia das cavernas do que podemos imaginar.

As cavernas apresentam um ambiente e micro-clima próprios, fazem parte de outro cenário, onde a luz e a escuridão se confundem e a simbologia que trata do imaginário, dos mitos, dos ritos e dos signos – religiosos ou não – também se entremisturam. Este ambiente geológico diferenciado já foi utilizado para os mais diversos fins ao longo da história humana. Inicialmente apenas como abrigo aos grupos de caçadores-coletores de alimentos; em outras épocas como refúgio nos momentos de guerra; como necrópole, como templo e como moradia.

Da relação conflituosa do Homem com este espaço onde a luz, a sombra e a escuridão se entrelaçam de forma harmoniosa, brotam sinais que tentam explicar o que é lógico, real ou imaterial.

As questões que envolvem os enfoques teórico-metodológicos a respeito das cavernas brasileiras

foram ligeiramente abordadas em outro artigo (BARBOSA, 2007; BARBOSA e TRAVASSOS, 2008) e não cabe aqui retomar esta discussão. Assim, pretendo discutir alguns aspectos que tratam das semelhanças e das características dos sinais de devoção existentes nas romarias para a Lapa da Mangabeira em Ituaçu (BA-003) e a Gruta de Iramaia.

Mas apenas para caracterizar o interesse por este fenômeno *sui generis* e, em parte, diferente do encontrado nas romarias católicas urbanas, gostaria de mencionar que tornou-se um objeto particular de investigação em decorrência da minha atuação como um dos pesquisadores do Grupo Sul Baiano de Espeleologia – GSBE, grupo de pesquisa ligado a Universidade Estadual de Santa Cruz, onde participei do projeto que realizou o mapeamento das cavernas da Bacia Meta-Sedimentar do rio Pardo, na região sul da Bahia e de onde surgiu um primeiro trabalho sobre a relação Homem-caverna envolvendo as questões que abordavam mitos (TEIXEIRA, 2003).

Diante das atitudes mecanicistas adotadas para explorar uma caverna (topografar, fotografar e posteriormente elaborar o seu mapa), nasceu o interesse pelas populações que habitavam o seu entorno e em especial, os seus mitos, os seus ritos e a sua relação com as cavernas. Ao amadurecer estas questões iniciais envolvendo os indivíduos que moravam próximos às cavernas e a sua relação com elas, alguns pontos ganharam interesse maior, como a utilização das cavernas enquanto santuário. Apesar dos enfoques diversos que estão surgindo nos últimos anos (TRAVASSOS, 2007), o simbólico, o imaginário, o catolicismo popular e em especial as romarias, continuam a despertar um interesse incomum nas abordagens envolvendo cavernas. No

caso do fenômeno em torno das romarias, algumas delas tem o seu início ainda no período colonial, como é o caso da romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa no município de Bom Jesus da Lapa, interior da Bahia (SAMPAIO, 2002; STEIL, 1996; 1998). Na Bahia, além deste município, as romarias para cavernas são observadas em áreas distintas, tendo como característica comum o cenário dos sertões e as populações de pequenos agricultores¹. Não que ele não ocorra em outros locais, mas a sua incidência é maior no alto sertão, região aqui compreendida como sendo a zona próxima ao rio São Francisco (Médio e Alto São Francisco) e a parte central da Chapada Diamantina, onde os fatores naturais (seca, enchentes, etc.), a escassez de recursos e a transumância – que auxiliam na evidência da religiosidade do Homem do campo – tem um significado muito forte (STEIL, 1996; 1998).

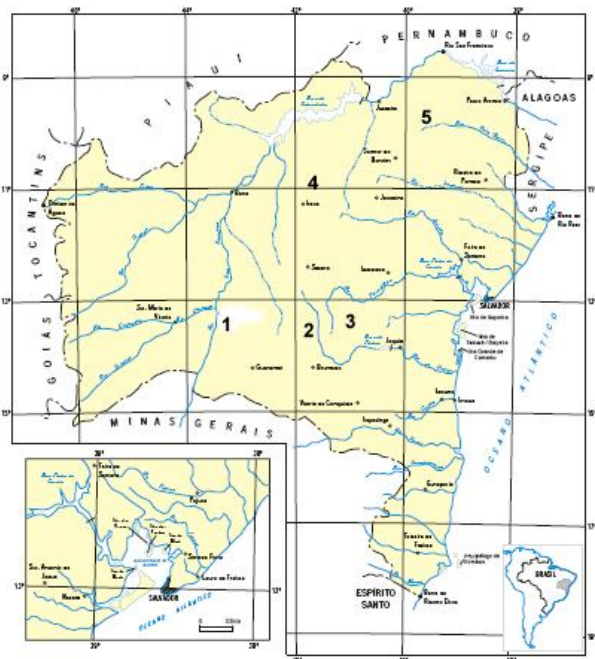


Figura 1: Cavernas Santuários na Bahia

1. Gruta do Santuário do Bom Jesus da Lapa, no município de mesmo nome (BA-046);
2. Lapa da Mangabeira, no município de Ituaçu (BA-003);
3. Gruta do Bom Jesus de Iramaia, no município de mesmo nome;
4. Lapa dos Brejões, no município de Morro do Chapéu (BA-083);
5. Gruta de Patamuté, no município de Curaçá (BA-026).

No Brasil existem diversos exemplos de cavernas que servem de santuário para romarias católicas, como a Lapa de Terra Ronca (GO-063) e a gruta dos Milagres (GO-064) em Goiás. O fenômeno das romarias não é diferente na Bahia, ao contrário é destacadamente evidenciado em função do significativo patrimônio espeleológico do estado (**Figura 1**), em especial na área central

compreendendo a Chapada Diamantina e os seus contrafortes.

Nesta região a religiosidade e o sertanejo se confundem, se entremisturam e criam novas identidades e particularidades, típicas dos sertões. As romarias, os seus ritos e mitos assumem um papel relevante no cotidiano destas populações, em especial, daquelas que estão próximas às cavernas (**Figura 2**).



Figura 2: Missa dos romeiros na Lapa da Mangabeira – Ituaçu-Ba

O problema

Como ponto de partida para a discussão, proponho analisar o enfoque das romarias em duas cidades distintas, Ituaçu e Iramaia, ambas situadas na Chapada Diamantina.

Do ponto de vista geomorfológico, a Chapada Diamantina é formada por um conjunto de serras e maciços montanhosos que formam a Cadeia do Espinhaço e corta a zona central da Bahia no sentido Norte-Sul (SAMPAIO, 2002).

Sob o aspecto geomorfológico, as duas áreas em questão pouco se diferenciam apenas no tocante a altitude. Ituaçu apresenta uma variação de 500m a 1500m e Iramaia uma média de 650m de altitude. No Censo de 2007 Ituaçu apresentava uma população de 17.939 habitantes para uma área territorial de 1.216 km². Já Iramaia possuía uma população de 15.134 habitantes para uma área territorial de 1.948 km² (IBGE, 2009). O acesso às duas cidades dá-se por intermédio de rodovias estaduais.

Nos dados do IBGE não foi possível observar a identidade religiosa da população, mas ao circular pelas duas cidades é fácil encontrar certas referências que associam o catolicismo ao cotidiano

das mesmas, em especial durante o período das festas.

As romarias para cavernas possuem características peculiares e exclusivas de cada local onde é verificada a sua ocorrência. Estes sinais, típicos da própria região, são os símbolos que evidenciam o grau de religiosidade e de interação entre Homem e caverna, entre Homem e religião.

Analisando estes sinais, constata-se que as romarias adquirem graus diferentes de interação com a comunidade, variando segundo a religiosidade, respeito à devoção, uso da caverna, do seu entorno, participação popular, envolvimento da Paróquia, etc. Em alguns locais podem apresentar suntuosidade na sua ornamentação, em outros a simplicidade da própria caverna (**Figura 3**).



Figura 3: Altar do Bom Jesus, Gruta de Iramaia-Ba.

Nestas duas cidades a religiosidade é uma marca significativa, principalmente entre os adeptos do catolicismo e o papel das cavernas é significativo neste universo, desde a importância da gruta para a cidade e a fixação da religião entre a população até a influência exercida pela Igreja Católica no cotidiano das pessoas.

Vejamos o caso destas duas cavernas.

A Lapa da Mangabeira

A cidade de Ituaçu situa-se na parte Sul da Chapada Diamantina, distante cerca de 525 km de Salvador e localiza-se na bacia hidrográfica do Rio de Contas. Os rios Mato Grosso, Buracão e o riacho Ourives são os principais afluentes da bacia neste ponto do território (CEPLAB, 1979). Ituaçu foi elevada à condição de município em 1867 com o nome de Nossa Senhora do Alívio do Brejo Grande (GUIMARÃES, 2004).

Ituaçu possui aquela que pode ser considerada como a segunda romaria mais importante da Bahia. Para os moradores do local, a romaria à Lapa da Mangabeira é o ponto alto dos seus festejos, superando outras festas populares como a novena de Nossa Senhora do Alívio e o São João.

Apesar do impacto econômico que a romaria provoca no município – a base da economia local é a agricultura do café – a infra-estrutura ainda é precária. Existem apenas duas pousadas no centro da cidade e cerca de três hospedarias no Povoado da Gruta, distante cerca de 3 km do centro de Ituaçu, local onde ocorrem os festejos do Sagrado Coração de Jesus.

O significado que a Lapa da Mangabeira, ou simplesmente “a Gruta” tem para os moradores da cidade de Ituaçu, extrapola os limites do município.

As primeiras romarias ocorridas na Lapa da Mangabeira remetem ao século XVIII (GUIMARÃES, 2004) e gira em torno do mito do vaqueiro que caiu na gruta juntamente com o seu animal e durante a queda rezou para o Sagrado Coração de Jesus que assim os salvou da morte certa. Logo o fato se espalhou e algumas pessoas passaram a visitar a gruta e desta forma nasceu a peregrinação.

Curiosamente, este mesmo mito se repete em outra região da Bahia (BRANDÃO et. all., 1999), mais especificamente na Gruta de Patamutê (BA-026), situada em Curaçá, norte do estado.



Figura 4: Entrada da Lapa da Mangabeira – Ituaçu-Ba, sinais da urbanização do local.

Sendo tão tradicional quanto à peregrinação para o Santuário do Bom Jesus da Lapa, a romaria para a Lapa da Mangabeira movimentava aproximadamente 100 mil pessoas ao ano para a cidade de Ituaçu

(dados extra-oficiais obtidos junto à prefeitura de Ituaçu).

Com este volume de pessoas, a relação com o sagrado assume um contorno todo especial, principalmente no tocante ao respeito com as tradições, a preservação da história, do mito, da caverna e a manutenção das condições de visitação à caverna (**Figura 4**).

Ao adentrar no espaço “sagrado”, oromeiro segue alguns ritos, como acender as velas em local próprio, não retirar fragmentos de rocha do interior da caverna, manter o local razoavelmente limpo, fazer a sua contribuição do dízimo e principalmente saciar a sede com a “água da gruta” encontrada em diversos filtros espalhados no seu interior.

Dentro da caverna, é possível verificar ambientes distintos, diversas capelas erguidas para outros santos, como São Gaspar, Santo Antônio, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida e o altar principal para o Sagrado Coração de Jesus. O acesso ao interior da gruta é feito através de escadaria (99 degraus no total) e para a parte mais interna existe a facilidade da iluminação de boa parte da caverna.

A Gruta do Bom Jesus em Iramaia

Situada na parte leste da Chapada Diamantina na bacia do rio Paraguaçu, a uma distância de 416 km de Salvador, a cidade de Iramaia surgiu na década de 1920 a partir da Fazenda Almas do Sincorá com a construção da via férrea onde foi erguido o povoado de Iracema. Foi elevada à condição de município na década de 1960 depois que o território foi desmembrado de Barra da Estiva (SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DA BAHIA, 2007).

A economia do município gira em torno da atividade agrícola, das lavouras de subsistência e da exploração de alguns minerais como a barita. Existe na cidade apenas duas pousadas e a infra-estrutura de serviços é precária.

O “Festão da Gruta” como é chamado pelos moradores, é a mais importante festa da cidade e teve o seu início ainda no século passado, possuindo uma tradição restrita às cidades da região circunvizinha a Iramaia.

Em decorrência do fato de ainda ser uma “tradição em construção”, ela vive um pouco na dependência da romaria para a Lapa da Mangabeira em Ituaçu, distante aproximadamente 160 km.

Algumas características marcam os festejos da romaria para a Gruta do Bom Jesus de Iramaia, como por exemplo, a forte influência da Paróquia local na realização da festa. No ano passado, para não sofrer a influência das eleições municipais, o Padre suspendeu a festa e realizou apenas uma missa em homenagem ao Bom Jesus.

Além desta interferência marcante sobre a romaria, determinando ou não a sua realização, a relação doromeiro local com a gruta aponta na direção contrária a da Lapa da Mangabeira.

A caverna situa-se na zona rural da cidade, distante aproximadamente 6 km do centro. As condições em que a caverna fica nos dias em que não há romaria são lastimáveis e em certos momentos, o gado que pasta nas vizinhanças busca abrigo nos salões de entrada da caverna sujando e pisoteando os votos depositados pelosromeiros.



Figura 5: Entrada da Gruta do Bom Jesus – Iramaia-Ba, marcas do abandono.

Neste espaço considerado sagrado, a atitude da população local é de total abandono da gruta (**Figura 5**). As imagens que compõem os ritos não ficam de maneira permanente no seu interior, apenas algumas imagens menores ocupam os espaços destinados aos santos nos seus respectivos altares.

Conclusões

Apesar das duas cidades estarem muito próximas, elas não possuem semelhanças geográficas e nem culturais, mesmo com as respectivas romarias ocorrendo no mesmo mês – início de setembro para a Lapa da Mangabeira e final de setembro para a Gruta de Iramaia.

Os sinais ritualísticos observados nas duas grutas são singulares e merecem análises antropológicas

diferentes, pois a relação envolvendo o sagrado nas duas situações é exclusiva de cada localidade e, portanto, distinta.

Em Ituaçu existe uma situação consolidada e ao mesmo tempo tradicionalística, que está no cerne das ações que envolvem o sagrado e a identidade da cidade enquanto um local de destino deromeiros que já associaram o rito aos processos de cura e de milagres vivenciados por eles (STEIL, 1996).

Já em Iramaia, o processo ainda está por se constituir. Uma parte dosromeiros que fazem a peregrinação à Gruta do Bom Jesus foi à romaria da Lapa da Mangabeira e reverenciou o Sagrado Coração de Jesus.

Esta tradição de permanência do sagrado, que é possível encontrar nos moradores de Ituaçu, ainda carece de consolidação em Iramaia. A maneira como agem com o “espaço sagrado” da gruta não é significativo, não é representativo.

Longe de ser apenas um apelo econômico – como o uso indiscriminado de barracas, mesmo fora do ciclo da romaria; a contratação de guias especializados para atender aos chamados visitantes temporários; a criação de uma infra-estrutura permanente, etc – deixa o povoado da Gruta em melhores condições de consolidar o mito da caverna.

Em Iramaia existe uma caverna longe – espacial e temporalmente – da população. A distância da cidade e a localização em terreno particular afastam os visitantes. As atitudes de desprezo ao espaço do sagrado no interior da gruta são evidenciadas a partir do momento em que é permitido o livre

acesso do gado aos salões que são iluminados pela luz natural.

Se na Lapa da Mangabeira existe um espaço próprio para os votos, na Gruta de Iramaia eles estão espalhados no salão de entrada e constantemente são pisoteados pelo gado. A gruta é seca e a falta de água, elemento importante na constituição de ritos religiosos, pode fazer parte deste afastamento dos devotos nas épocas em que não há festejos.

Por último, observa-se em Ituaçu que a romaria e todo o ritual da Lapa da Mangabeira se sobrepõem à influência política que envolve os partidos e os grupos econômicos, ou seja, o rito religioso no interior da caverna tem vida própria. Em Iramaia a romaria sofre uma forte influência dos grupos políticos e econômicos que governam a cidade e esta independência ainda esta por se constituir.

Agradecimentos

Agradeço à Companhia Brasileira de Cimento – CBC e à Plama – Planejamento e Meio Ambiente pela oportunidade de construção deste trabalho durante a realização das prospecções arqueológicas na Área Diretamente Afetada pela futura fábrica de cimento da CBC na cidade de Ituaçu – BA.

Ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz – DFCH/UESC.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia – NEPAB/DFCH/UESC.

Bibliografia

- ARRUDA, G. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2000.
- BARBOSA, E. P. Cavernas, estórias, história e tradições religiosas no interior da Bahia. In: **Simpósio Anual da Associação Brasileira de História das Religiões – ABHR**, de 01 a 04 de mai. 2007, Viçosa. Anais do IX Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões. Viçosa: ABHR, 2007.
- BARBOSA, E. P.; TRAVASSOS, L. E. P. Caves, stories, History and traditions popular in the semi-desert (sertão) of Bahia, Northeastern Brazil. **Acta Carsologica**, v. 37, n. 2-3, p. 331-338 ZRC-SAZU: Liubliana/Postojna, 2008.
- BRANDÃO, J. R.; RÊGO, L. F. **A gruta do sagrado coração de Jesus de Patamutê e outras informações sobre Curaçá**. Curaçá, 05 mar. 1999. Entrevista concedida ao Grupo sul Baiano de Espeleologia da UESC, GSBE/UESC.
- CENTRO DE PLANEJAMENTO DA BAHIA. **Bacias hidrográficas do Estado da Bahia**. Salvador: CEPLAB, 1979.

CUNHA, E. **Os sertões:** campanha de Canudos. São Paulo: Martin Claret, 2005. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, Série Ouro, 5).

GUIMARÃES, O. S. **Ituaçu:** Bandeirantes e Sertanistas na Chapada Diamantina. Salvador, 2004.

IBGE. **Cidades.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em 28/04/2009.

SAMPAIO, T. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina.** Organização José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DA BAHIA. 1º Censo Cultural da Bahia. Disponível em: http://www.censocultural.ba.gov.br/ccb_municipios_interna.asp?MunID=328#nogo Acessado em 28/04/2009.

STEIL, C. **O sertão das romarias:** um estudo antropológico sobre o santuário do Bom Jesus da Lapa. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. As peregrinações no sertão: viajantes, enfermos e aventureiros cruzam campos, desertos e sertões em clima de religiosidade, festa e penitência. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 142, p. 32-39, set. 1998.

TEIXEIRA, M. G.; SILVA, D. C.; GOMES, P. F ; MENDES, S. R. **O imaginário das grutas.** Ilhéus: Editus, 2003.

TRAVASSOS, L. E. P. O carste como pano de fundo nas obras de ficção: dualidade de percepções. **O Carste**, Belo Horizonte, vol. 19, nº 2, p. 62-69, dez. 2007.

Fotos: Elvis Barbosa.

ⁱ Convêm destacar o significado de Sertão que utilizo aqui. Ele está próximo ao empregado por Gilmar Arruda (ARRUDA, 2000), que procura evidenciar a oposição entre cidade e campo, mundo urbano e zonas agrícolas, diferente do apresentado por Euclides da Cunha (CUNHA, 2005) que aponta para o contraste entre cidade (*civilização*) e campo (*atrasado, violento*).